

Quem é Quem nos Programas Esportivos de Televisão: Uma Análise das Questões de Gênero no Cartãozinho Verde, da TV Cultura¹

Noemi Correa BUENO²

José Carlos MARQUES³

Universidade Estadual Paulista (FAAC/UNESP), Bauru, SP

Resumo

A partir de conceitos sobre comunicação, gênero e esporte, o artigo discute que apesar de haver uma evolução nas conquistas feministas, ainda há segmentos que reproduzem uma estrutura androcêntrica, como o jornalismo e o esporte (BOURDIEU, 2003). Neste sentido, analisou-se o programa Cartãozinho Verde (edições veiculadas no mês de novembro de 2014 na TV Cultura), apontando-se as diferenças de papéis entre a agente do sexo feminino e os participantes do sexo masculino. Nas edições analisadas, a apresentadora surge como coadjuvante e cuidadora das crianças comentaristas, enquanto os garotos do sexo masculino assumem a fala técnica, retomando as funções tradicionais do feminino e do masculino.

Palavras-chave: Cartãozinho Verde; gênero; esporte; comunicação.

Introdução

Na contemporaneidade, movimentos feministas têm apontado novas pautas de reivindicação voltadas para representações midiáticas que contemplem a diversidade de papéis e personalidades das mulheres, em substituição às imagens tradicionais e estereotipadas femininas.

De acordo com Bourdieu (2003), os movimentos feministas precisam ainda incluir em sua pauta a mobilização de instituições de alto crédito social (escola, Estado, igreja, esporte, jornalismo e família), pois estas são responsáveis pela perpetuação dos valores e descrições sobre o que é feminino e masculino. Dentre estas instituições consideradas perpetuadores da visão tradicional androcêntrica, e que, portanto, precisam ser renovados, este artigo debaterá duas em específico: o jornalismo e o esporte.

¹ Trabalho apresentado no GP Comunicação e Esporte do XV Encontro dos Grupos de Pesquisa em Comunicação, evento componente do XXXVIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Doutoranda do programa de Pós-graduação em Comunicação da FAAC – UNESP (Universidade Estadual Paulista). E-mail: tutoraead.noemibueno@gmail.com.

³ Doutor em Ciências da Comunicação pela Escola de Comunicação e Artes da Universidade de São Paulo (ECA – USP). Docente do Programa de Pós-graduação em Comunicação e do Departamento de Ciências Humanas da FAAC – UNESP (Universidade Estadual Paulista). E-mail: zeca.marques@faac.unesp.br.

Considerando estes aspectos, serão estudadas as edições veiculadas no mês de novembro de 2014 do programa Cartãozinho Verde da TV Cultura, com o intuito de observar como é formada a imagem dos participantes (apresentadora e comentaristas), e analisadas a distribuição dos papéis conforme o gênero de cada um dos profissionais. O objetivo é verificar se o programa reproduz uma visão tradicional sobre o que é ser feminino e masculino ou se questiona estes valores.

Para a discussão, serão levantados apontamentos sobre gênero, esporte e comunicação, principalmente sob o viés de movimentos feministas e dos escritos de Bourdieu. Também será utilizada a análise do discurso para apontar e caracterizar as falas e participações dos envolvidos.

Comunicação, esporte e gênero

Nas últimas décadas, verificamos mudanças nas relações e papéis de gênero, tendo tanto mulheres como homens apresentado novas possibilidades de atuação no campo econômico, político, social e familiar. Estas mudanças refletem novas formas de pensar e compreender os sujeitos e suas funções sociais e consistem em reflexos de anos de luta de mulheres e movimentos femininos que procuravam e procuram igualar direitos femininos e masculinos buscando extinguir o preconceito e as diferenças de gênero.

Neste sentido, constatamos novas estruturas familiares: o direito ao voto feminino, a ampliação do acesso da mulher ao ensino superior, sua profissionalização, seu acesso ao ambiente de trabalho e a conseqüente maior independência econômica da mulher (BUENO, 2015, p. 01).

No entanto, apesar destas conquistas, ainda é possível verificar diferenças e preconceitos de gênero. Assim, na contemporaneidade, vários movimentos feministas não focam mais no direito ao voto e profissionalização (fatores primários do início do movimento, mas já conquistados), para direcionarem suas ações à possibilidade de transformações na maneira de compreender a mulher, buscando o reconhecimento de seu papel social (ALVAREZ, 2002).

Para uma mudança efetiva, é necessário que estes movimentos considerem novos arranjos nas estruturas sociais, afinal “mudanças sociais exigem um esforço coletivo para transformar os regulamentos e, quanto àqueles mais enraizados, requerem ainda mais tentativas e persistência” (REIS, 2002, p. 36).

No caso do objeto analisado, teóricos e/ou feministas (como Mary del Priore, Rachel Moreno e Pierre Bourdieu, por exemplo) apontam que os estereótipos femininos ainda são colocados no inconsciente coletivo ao esperar posturas e transmitir imagens de mulheres sensíveis, maternais e servis, educando este público a aceitar as condições impostas, sem brigar pelo poder.

Assim, na teoria, a mulher é aceita como sujeito emancipador e que possui voz ativa, mas na prática sua participação ainda não é valorizada e respeitada. Como afirma Priore (2001, p. 604), as mulheres são “herdeiras de ideias antigas, mas sempre renovadas, de que [estas] nascem para ser donas de casa, esposas e mães”.

Considerando estes aspectos, os movimentos feministas brasileiros contemporâneos, reformulam a pauta de reivindicação considerando questões referentes à identidade e representação, ou seja, o que a imagem feminina significa e como esta é produzida e questionada ou aceita pela sociedade.

Neste sentido, este movimento passa a ter importante olhar sobre os meios de comunicação, reivindicando que estes apresentem representações femininas adequadas e que contemplem a diversidade de papéis e personalidades das mulheres, ou seja, lutam por representações que não reproduzam mitos e estereótipos femininos, mas que reproduzam características emancipatórias, que promovam posições e visões femininas, expondo e questionando a opressão de gênero e os valores da sociedade patriarcal de maneira a promover reflexões sobre equidade entre os sexos. Segundo Rachel Moreno,

a mulher retratada na mídia tem de ser casada ou aspirar ao casamento, ter filhos ou aspirar à maternidade, ser ou parecer jovem, ser vaidosa, cuidadosa. Ser branca, heterossexual, monogâmica, fiel, comportada, decidir mais com a emoção do que com a razão, ser sensível e delicada preocupar-se mais em cuidar dos outros do que com qualquer outra questão, mesmo que trabalhe e tenha grandes responsabilidades profissionais ou políticas (...). Estranha sensação essa, a de mirar o que deveria ser uma janela para o mundo e não se ver retratada nele (...), como se não existisse ou simplesmente não fosse suficientemente adequada para se mostrada (MORENO, 2008, p. 45 e 49).

Com uma linha de pensamento semelhante a respeito da veiculação da imagem da mulher, Pierre Bourdieu salienta que as conquistas femininas ainda não ocorreram em sua totalidade, pois não representaram uma ruptura no campo da representação social. Para o teórico, a dominação masculina ainda existe, pois é reforçada por um poder simbólico, que constitui uma “violência suave, insensível, invisível às suas próprias vítimas, que se exerce

essencialmente pelas vias puramente simbólicas da comunicação e do conhecimento, ou, mais precisamente, do desconhecimento, do reconhecimento ou, em última instância, do sentimento” (BOURDIEU, 2003, p. 8). A invisibilidade e caráter sutil desta violência fazem com que as relações de dominação sejam incorporadas naturalmente sem questionamentos, formando um *habitus* androcêntrico.

Para este teórico, esta relação entre os sexos é mantida e eternizada por algumas instituições, como a igreja, escola, família, Estado, esporte e jornalismo. No caso específico do jornalismo, a dominação se potencializa devido ao caráter de imparcialidade, ou seja, o conceito de neutralidade (princípio do jornalismo) legitima seu discurso, e, por conseguinte, as relações de gênero representadas por este meio.

Outro fator a ser levantado é que o formato de veiculação das informações pelos meios coloca o leitor apenas como receptor da mensagem, pois não oferece oportunidade de questionar os dados transmitidos (SODRÉ, 2001, p. 49), validando ainda mais a fala jornalística.

Assim, esses meios contribuem ainda para dotar de significação as ocorrências ao atribuir-lhes sentido, embora a outorgação final desta dependa também do receptor e das mediações sociais. Isso ocorre, pois os meios jornalísticos fornecem um quadro referencial explicativo do mundo, num processo de construção social da realidade. Por isso, “embora as notícias representem determinados aspectos da realidade cotidiana, pela sua mera existência contribuem para construir socialmente novas realidades e novos referentes” (SOUSA, 2014).

Associado à estrutura jornalística, este artigo ainda analisará outra instituição de alto crédito social apontada por Bourdieu como eternizadora das relações androcênicas: o esporte. Assim, como já apontado, neste artigo, serão estudadas duas instituições que, de acordo com Bourdieu (2003), mantêm as diferenças de gênero: o jornalismo e o esporte. Segundo esse teórico, na construção da história ocidental do esporte coube à mulher práticas que reforçassem características femininas, “[...] submetendo-se às normas que definem o que deve ser o corpo, não só na sua configuração perceptível, mas também na sua atitude, na sua apresentação, etc.” (BOURDIEU, 1983, p.201).

Convém aqui apontar ainda outro conceito sobre a relação do esporte com o cotidiano por meio do sociólogo Ronaldo Helal. Se para Bourdieu a relação entre esporte e *habitus* é de retroalimentação, ou seja, o esporte forma e é formado pelo *habitus*, para Ronaldo Helal (1990, p. 71), aparentemente o cotidiano não é representado em sua

totalidade pelo esporte, pois se reveste “de um discurso altamente democrático, estabelece aqui que as oportunidades iniciais e as regras do jogo sejam as mesmas para todos, sem distinção de classe, raça, ou preferência religiosa (...) proporcionando a todos um sentido de igualdade e de justiça social”.

Neste sentido, ambos se distanciam, pois enquanto um aponta fatores em comum em relação ao esporte e o cotidiano, outro destaca os pontos divergentes. Mas, quando trazemos este discurso para realidade de gênero no esporte, podemos observar que se o esporte pretende ser mais democrático oferecendo as mesmas oportunidades para todos (HELAL, 1990), mulheres e homens deveriam ter o mesmo destaque e importância neste cenário.

Por isso, quando há divergências entre o discurso (democrático) e a realidade (diferença de espaço de participação entre homens e mulheres), há um reforço e uma justificativa para as diferenças de gênero, afinal, se as mulheres não possuem o mesmo espaço é devido a fatores biológicos ou por suas próprias escolhas, pois o esporte é em sua essência democrático.

Assim, considerando esta questão, este artigo analisará o papel da mulher em um programa esportivo (Cartãozinho Verde, da TV Cultura), com o intuito de verificar se, na representação do esporte pelos meios, a ideia de democracia entre os gêneros é constante e perceptível. Partimos do princípio de que uma sub-representação ou uma representação não adequada das mulheres nos programas esportivos promove uma incompreensão desta em sua totalidade. Essa representação não adequada pode ocorrer quando a mulher não é retratada, quando não é ouvida como especialista, quando o destaque de sua função está voltado para o âmbito doméstico, entre outros. Neste caso, nota-se que existe a possibilidade de neste programa ocorrer a seguinte ação:

ocultar mostrando, mostrando uma coisa diferente do que seria preciso mostrar caso se fizesse o que supostamente se faz, isto é, informar; ou ainda mostrando o que é preciso mostrar, mas de tal maneira que não é mostrado ou se torna insignificante, ou construindo-o de tal maneira que adquire um sentido que não corresponde absolutamente à realidade (BOURDIEU, 1997, p. 24).

Desta maneira, ao escolher quais assuntos abordar e de qual maneira fazê-lo, o programa esportivo pode construir e transmitir a realidade à sua maneira, moldando as percepções sobre a realidade (SOUSA, 2006, p. 211-213).

Vale ressaltar, no entanto, que as escolhas de palavras, imagens, ângulos, entre outros, não consistem necessariamente em um processo consciente realizado pelos

jornalistas e apresentadores, mas “pode muito bem ser o resultado da absorção inconsciente de pressuposições acerca do mundo social no qual a notícia tem de ser embutida de modo a ser inteligível para o seu público pretendido” (HACKETT, apud COLLING, 2001). Neste sentido, podemos observar a influência do jornalismo (inclusive do jornalismo esportivo) na formação de um *habitus*, mas podemos também observar a reciprocidade desta relação, onde o *habitus* forma a visão do jornalista. Diante deste cenário, que Bourdieu aponta a necessidade das instituições de alto crédito social romperem com este ciclo, ao reeducarem seus colaboradores, de maneira a compreenderem a mulher em sua integridade e enquanto agente social, cultural e político.

Considerando estes aspectos e este cenário, o artigo propõe o estudo de como um programa esportivo constrói a imagem da mulher que trabalha neste programa, para verificar se este reproduz uma ideia androcêntrica ou se permite a reflexão sobre as condições das relações de gênero nas discussões esportivas brasileiras. Para tal, será estudado o programa “Cartãozinho Verde” da TV Cultura.

Metodologia da pesquisa

Conforme já dito, o *habitus* é constituído de estruturas objetivas presentes no mundo social e nos sistemas simbólicos, que são capazes de orientar e coagir práticas e representações, independente da consciência e vontade dos agentes, pois é incorporado e reproduzido naturalmente. O *habitus* encontra-se presente no princípio da sequência das ações, sem possuir a finalidade consciente de alcançar determinada intenção (BOURDIEU, 2003).

No caso das relações simbólicas de gênero, estas são resultados de um trabalho longo de inculcação das diferenças sexuais, possibilitando o surgimento e consolidação de um *habitus* voltado à visão androcêntrica, e, conseqüentemente, coerente com a naturalização das relações desiguais entre homens e mulheres, legitimando o poder de um sobre o outro.

Considerando estes conceitos, será analisada a construção do papel da apresentadora Gabi França no programa “Cartãozinho Verde” da TV Cultura, veiculado no mês de novembro de 2014, ou seja, nos dias 01/11/2014, 15/11/2014 e 29/11/2014 (último programa comandado pela apresentadora antes da finalização dos campeonatos nacionais de futebol do ano de 2014).

O programa foi inaugurado em 2012, originado do programa Cartão Verde. Consiste em um telejornal esportivo voltado para o público infantil que possui o objetivo de apresentar discussões sobre o futebol a partir da visão dos comentaristas mirins: João Braga (10 anos), Eric Lanfredi (13 anos), Pedro Crema (9 anos) e Matheus Ribeiro (10 anos) e mediados pela apresentadora Gabi França (24 anos)⁴.

Quem é quem no Cartãozinho Verde

Como apontado acima, o programa conta com quatro comentaristas, todas elas crianças do sexo masculino, e uma apresentadora adulta, que assume o papel de mediadora das discussões. Observa-se, portanto, que a discussão (formada pelos comentaristas) fica sob a responsabilidade de crianças do sexo masculino, não contando com a presença de nenhuma menina como comentarista. A única mulher do programa é uma adulta que assume justamente o papel de “cuidadora” das crianças, direcionando as discussões, fazendo questionamentos, mas pouco expressando sua opinião sobre o assunto debatido, afinal, as crianças do sexo masculino são as indicadas para tal.

A distribuição dos apresentadores no cenário do programa ocorre a partir de uma divisão em dois lados, sendo dois garotos presentes do lado direito, dois do lado esquerdo e a apresentadora no meio, justamente para assumir o papel de intermediária.

Outra questão analisada foi em relação à aparência física e vestimenta. Os meninos estão vestidos com camisas do time para o qual torcem (e, portanto, assumem claramente um posicionamento da discussão), deixando clara a “paixão” que possuem pelo futebol e pelo time do coração.

Em relação à apresentadora, podemos notar que, no programa do dia 01, veste uma camiseta regata cinza com listras pretas, um colete cinza claro e uma calça com estampa de onça. No dia 15, veste uma camiseta rosa e uma calça de estampa lilás, e no dia 29 uma camiseta vermelha lisa e uma calça preta.

Portanto, é possível afirmar que a mediadora veste roupas que não apontam para o clube de sua preferência, mantendo uma aparência “tipicamente” feminina, construída a partir da vestimenta, maquiagem e cabelos arrumados. Percebe-se que sua aparência feminina deve ser mantida e não será “masculinizada” pela presença de uma camisa de futebol (temática predominantemente ainda masculina no Brasil).

⁴ As idades aqui relatadas referem-se a novembro de 2014.

Além disto, verificamos ainda a escolha de um apelido carinhoso dado à apresentadora (Gabi, apelido de Gabriela), enquanto os demais comentaristas são chamados, pelo programa, pelo nome de registro, sem apelidos: João, Eric, Pedro e Matheus. Vemos, em mais esta postura, uma familiarização do feminino ao carinhoso, delicado e ao diminutivo.

Nos programas analisados, a apresentadora inicia a edição apresentando os comentaristas e o tema da discussão. A partir disto, sua participação passa a ser secundária e o centro dos debates passa a ser dos comentaristas mirins, ou seja, a função de Gabriela França torna-se a de lançar os temas que serão debatidos, introduzindo o assunto que será discutido pelos garotos e levantando algumas questões ou concordando com os comentaristas, pouco acrescentando qualidade na discussão a respeito dos conteúdos analisados.

Durante o programa, Gabriela França assume o papel de mediadora e fomentadora das discussões, mas quem acrescenta novas críticas, ideias, opiniões e conteúdos são os comentaristas mirins, que são quem detém propriedades para abordar o assunto esporte e futebol.

A postura tanto de Gabriela França quanto dos garotos João Braga, Eric Lanfredi, Pedro Crema e Matheus Ribeiro é coerente com a proposta do programa e com a função que exercem. Gabriela França é apresentadora, portanto, lança temas e assuntos para debates e os garotos comentaristas, que abordam os temas lançados pela apresentadora.

Neste sentido, a discussão deste artigo não é da postura individual de cada profissional envolvido, mas das atribuições e formatos do próprio programa, afinal, cada envolvido segue justamente a função que lhe foi atribuída.

Vale lembrar que ao papel de apresentadora é atribuído o papel de mediadora das discussões geradas por quatro crianças, assim, a apresentadora também é responsável por orientar os garotos e intervir em momentos de conflitos. Neste sentido, apesar de apresentar uma atividade de destaque (mediadora de um programa televisivo), Gabriela França assume midiaticamente uma atividade tradicional feminina que é justamente cuidar e orientar crianças.

Por fim, foi avaliado um trecho do debate do programa do dia 29/11/2014 (primeiros 2 minutos e meio), a fim de observar os discursos construídos e apropriados por cada um dos participantes, nos primeiros minutos do programa, apontando papéis assumidos e apresentados inicialmente aos telespectadores.

Das nove falas de Gabriela França relacionadas ao jogo, quatro demonstravam concordância com os garotos, sendo estas: “exatamente”, “pelo esforço”, “eles são muito rápidos” e o “Luan joga muita bola, eu conheci este cara” (reforçando o comentário realizado por João Braga, Eric Lanfredi e Pedro Crema respectivamente). Em relação a esta última colocação, é interessante que a apresentadora concorde que o jogador é muito bom e reforce isto com um comentário pessoal “conheci este cara”, mas que não aponte nenhuma característica técnica que justifique o fato de concordar que o jogador “joga muita bola”, diferentemente dos garotos, que apontam algumas características e a trajetória histórica do jogador (demonstrando que conhecem o assunto abordado): “joga pela camisa”, “não jogava muito bem, mas agora melhorou demais”, “não estava numa fase muito boa”, “foi pelo esforço”.

Sobre os demais comentários realizados pela apresentadora, observamos que duas falas foram relativas a uma mesma questão para ser discutida (sendo que a pergunta duas apenas reforça a pergunta 1): “será que eles iam para cima mesmo sem o gol?” e “Não ia dar um medinho do Atlético ir para cima e fazer mais 15”? Outra fala foi em relação a uma questão secundária, ou seja, não relativa ao desempenho do jogo, focando a lotação do estádio (“É ... e vocês viram o estádio vazio gente?”), houve ainda um comentário sobre a desenvoltura do jogador seguido de uma expressão de dúvida (“ele bateu pra cima, parece”), como quem aguarda a aprovação dos comentaristas mirins para ter certeza sobre sua posição (se ele bateu mesmo para cima), houve uma outra frase que consistiu em uma análise emotiva da situação (“eu achei que eles estavam com medo”) e a outra foi uma tentativa de um comentário, mas foi cortada por um dos garotos que não a deixou finalizar sua linha de raciocínio a respeito de um lance (“mas será que não rolou um meiozinho de ir para cima e o Atlético ...”). Assim, nestes momentos iniciais do programa é possível verificar que a apresentadora pouco contribuiu com a qualidade do debate, pois não acrescentou conteúdos novos sobre a pauta do programa.

Os garotos por sua vez abordam sobre o jogo, apontando ações dos jogadores e técnicos e avaliando os dois times: “Todo mundo esperava que o Cruzeiro fosse para cima, só que não”, “Eu acho que o Atlético foi bem melhor, foi quem atacou mais”, “O Cruzeiro não viu o lance”, “Tem gente reclamando de impedimento. Olha onde o cara tá. Não dá nem tempo”, “Tanto que quando eu vi o gol falei: ué? O que é aquele cara ali?”, “Como é que ele perdeu?”, “Como é que ele perdeu de pênalti?”, “É que a bola passou, ele perdeu o tempo da bola”, “O gol do Atlético acabou com o jogo”, “O gol do Atlético acabou com o

jogo, se não tivesse saído aquele gol aí tudo bem”, “Então, tanto que o Marcelo Oliveira quando começou o segundo tempo ele não colocou mais atacante, ele melhorou o meio de campo, porque ele sabia que se fosse para o ataque poderia ter o contra ataque do Atlético, que poderia ter muito mais e quem sabe golear”, “Tanto que você não viu? o lance do gol foi contra ataque”, “Com toque de bola, o time pode até ser limitado. O time do Cruzeiro é muito melhor do que o Atlético, mas o contra ataque e o jeito que eles tocam é bola é muito bom”, “Trocou o Luan e colocou o Maicosuel”, “e continuou o mesmo nível”, “O atacante do Atlético é muito bom”, “Ele é muito rápido e joga pela camisa mesmo”, “Antes ele não jogava muito bem, mas agora ele melhorou demais”, “Ele não tava numa fase muito boa com o galo, não tava jogando tão bem, mas agora deu uma animada”, “E foi pelo esforço”, “Se não me engana, se ele fizesse mais um gol seria artilheiro do campeonato. Deu azar porque se machucou no começo do jogo”, “É, e a fase dele tá muito boa, tá jogando muito bem, só teve o azar como você falou de se machucar no comecinho do jogo”.

Observa-se que a fala dos garotos descreve o jogo e as ações dos jogadores, possuem, portanto, um discurso mais competente sobre o tema debatido (esporte), apontando com mais propriedade e conhecimento os lances do jogo e o comportamento dos jogadores. Além disto, demonstram que o conhecimento não é apenas sobre a partida, mas que conhecem, inclusive, a trajetória dos jogadores.

Das falas apresentadas pelos garotos no período analisado (apenas os dois primeiros minutos do programa), apenas uma fala teve um apelo mais emocional: “Meu Deus, que jogo chato”, e duas estavam relacionadas a uma questão secundária: a situação do estádio (baixa presença de torcedores) apontada pela Gabriela França: “Também o ingresso era muito caro, não tinha como”, “Acho que era 400”. As demais falas foram focadas no jogo e desempenho dos jogadores e treinador.

Considerações finais

Neste sentido, vemos como apontado por Bourdieu (2003) que apesar das conquistas feministas serem inegáveis estas não aconteceram em sua totalidade, pois não houve uma ruptura no campo da representação social, mantendo a estrutura das distâncias. Assim, apesar de uma mulher (no caso a apresentadora Gabriela França) ter conquistado um espaço relativamente masculino (no caso, futebol), este espaço ainda não foi conquistado em sua totalidade, pois continua assumindo um papel feminino reconhecido historicamente em nossa sociedade: a da cuidadora.

Sabemos que as primeiras ações do movimento feminista foram justamente em relação à divisão de tarefas, onde o domínio do campo privado pertencia à mulher e do público ao homem, sendo a mulher apenas coadjuvante, desempenhando ações consideradas menos importantes (PRIORE, 2001, p. 363). Mesmo em casos nos quais as mulheres possuíam alguma atividade pública, estas eram consideradas extensões da atividade doméstica, ou seja, atividade de cuidado com o outro (como as desempenhadas por professores, enfermeiros e assistentes sociais), mas jamais de liderança ou gestão.

Neste sentido, o papel desempenhado pela apresentadora Gabriela França segue justamente este conceito, ou seja, a aparente mudança (presença feminina em um campo de prevalência masculina) mantém a lógica do modelo tradicional que aponta diferenças significativas entre masculino e feminino.

Assim, o cargo a ela destinado é um tipo de prolongamento das funções domésticas (ensino e cuidado), permanecendo com os homens (no caso crianças) maior parte da produção qualitativa do debate sobre o esporte, afinal, às crianças do programa (garotos) competem o poder da palavra.

Vemos, portanto, neste contexto, a aplicação do conceito de violência simbólica e de *habitus* do Bourdieu. Para este a violência simbólica consiste em uma violência não “percebida” pelas vítimas que a incorpora de maneira natural, pois o próprio *habitus* (capaz de orientar e coagir representações e práticas não questionáveis, pois são incorporadas durante o processo de formação do indivíduo) a legitima como verdadeira.

No caso das relações de gênero, percebemos a partir da análise deste programa que se por um lado a apresentadora reflete (provavelmente inconscientemente) uma “função” feminina tradicional incorporada sem questionamento durante seu processo de aprendizagem e trajetória de vida, por outro lado, também é responsável por reafirmar este valor, uma vez que é retransmitido massivamente para outros indivíduos.

REFERÊNCIAS

ALVAREZ, Ana de Miguel. **O feminismo ontem e hoje**. Lisboa: Ela por ela, 2002.

BOURDIEU, Pierre. **Questões de sociologia**. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1983.

_____. **Sobre a televisão**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997.

_____. **A dominação masculina**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.

BUENO, Noemi Correa. **Jornalismo impresso e relações de gênero**: enquadramentos da Folha de S. Paulo e d'O Estado de S. Paulo de um caso de hostilização a uma estudante. Dissertação de mestrado, FAAC/UNESP, 2010.

_____. **Marcha das Margaridas**: representações dessa luta feminina no jornalismo da Globo. Disponível em:
[http://www2.faac.unesp.br/pesquisa/lecotec/eventos/lecomciencia2009/anais/407-418\(Bueno\)Marcha_das_margaridas.pdf](http://www2.faac.unesp.br/pesquisa/lecotec/eventos/lecomciencia2009/anais/407-418(Bueno)Marcha_das_margaridas.pdf). Acesso em: 07 abr 2015.

COLLING, Leandro. Agenda-setting e framing: reafirmando os efeitos limitados. **Revista Famecos**, Porto Alegre, n. 14, p. 88-101, 2001.

HELAL, Ronaldo. **O que é sociologia do esporte**. São Paulo: Brasiliense, 1990.

MARQUES, José Carlos. **A falação esportiva**: o discurso da imprensa esportiva e o aspecto mítico do futebol. Disponível em:
<http://www.unifra.br/professores/viviane/A%20Fala%C3%A7%C3%A3o%20Esportiva.pdf>. Acesso em: 26 set 2014.

MORENO, Rachel. **A beleza impossível**. São Paulo: Agora, 2008.

PRIORE, Mary. **História das mulheres no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2001.

REIS, Margareth. **Mulher**: produto com data de validade. São Paulo: O Nome da Rosa, 2002.

SODRÉ, Muniz. **O monopólio da fala**: função e linguagem da televisão no Brasil. Petrópolis: Vozes, 2001.

SOUSA, Jorge Pedro. **Elementos de teoria e pesquisa da comunicação e dos media**. Porto: Edições Universidade Fernando Pessoa, 2006.

WOLF, Mauro. **Teorias da comunicação**. Lisboa: Presença, 1994.